

Governando (contra)condutas: A constituição do sujeito *gay* no canal *Põe na roda*

Marcos Paulo de Azevedo*

Francisco Vieira da Silva**

Resumo

Este artigo tem como objetivo problematizar os efeitos da hipervisibilidade do YouTube na constituição do sujeito *gay* a partir de vídeos do canal *Põe na Roda*. Trata-se de um canal que aborda, de maneira bem-humorada, diversos assuntos relacionados à comunidade LGBTQIA+. O presente trabalho vincula-se aos estudos discursivos foucaultianos, com ênfase no entendimento acerca da produção de subjetividades no contexto das audiovisualidades. Enquanto tal, adota como metodologia um viés descritivo-interpretativo, a partir de uma abordagem qualitativa. Além disso, baseia-se no método arqueogenealógico, que prima por uma análise histórico-cultural do discurso e dos processos de subjetivação. Como *corpus*, foram selecionados dois vídeos do canal: “10 coisas que gays não devem fazer!” e “10 conselhos de LGBTs IDOSOS p/ JOVENS LGBTs”. Pelas análises, pode-se problematizar o lugar do discurso midiático, especificamente no canal *Põe na Roda*, no processo de constituição de subjetividades, ao proporcionar formas de ser por meio de recursos discursivos pedagógicos, constatando que o canal se inscreve como um espaço que agencia formas de governo sobre a comunidade LGBTQIA+.

* Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutor em Letras. Docente da Faculdade de Letras e Artes da UERN e do Mestrado Profissional em Letras, também da UERN. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2194-5751>.

** Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Doutor em Linguística. Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa na UFERSA. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN e do Programa de Pós-Graduação em Ensino (POSENSINO – UERN/UFERSA/IFRN). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4922-8826>.

Tais práticas de agenciamento apoiam-se na hipervisibilidade midiática que detém o canal *Põe na Roda* no interior dessa comunidade. Com isso, espera-se contribuir para as reflexões sobre como as mídias digitais vêm influenciando nos modos de objetivação e subjetivação na contemporaneidade.

Palavras-chave: condutas; discurso; gay; governamentalidade; sujeito.

Governing (counter) conduct: The constitution of the *gay* subject on the channel *Põe na roda*

Abstract

This article aims to problematize the effects of YouTube's hypervisibility on the constitution of the gay subject based on videos from the *Põe na Roda* channel. This channel addresses, in a humorous manner, several issues related to the LGBTQIA+ community. This work is linked to Foucaultian discursive studies, with an emphasis on understanding the production of subjectivities in the context of audiovisuals. As such, it adopts a descriptive-interpretative bias as its methodology, based on a qualitative approach. In addition, it is based on the archeogenealogical method, which emphasizes a historical-cultural analysis of discourse and subjectivation processes. As a *corpus*, two videos from the channel were selected: "10 things that gays should not do!" and "10 pieces of advice from ELDERLY LGBTs for YOUNG LGBTs". Through the analyses, it is possible to problematize the place of media discourse, specifically on the *Põe na Roda* channel, in the process of constituting subjectivities, by providing ways of being through pedagogical discursive resources, noting that the channel is inscribed as a space that agencies forms of government over the LGBTQIA+ community. Such agency practices are based on the media hypervisibility that the *Põe na Roda* channel holds within this community. With this, we hope to contribute to reflections on how digital media have been influencing the modes of objectification and subjectification in contemporary times.

Keywords: conducts; speech; gay; governmentality; subject.

Recebido em: 10/02/2025 / Aceito em: 08/08/2025

Introdução

Neste texto, compartilhamos parte das análises realizadas em nossa pesquisa de doutorado acerca das práticas de governo em torno do sujeito gay, a partir de vídeos do canal *Põe na Roda*, do YouTube. Segundo informações disponíveis na página do canal no YouTube, o *Põe na Roda* foi criado em 26 de janeiro de 2014, por Pedro HMC. Em janeiro de 2024, quando os dados foram consultados pela última vez, o canal contava com mais de 1,23 milhões de inscritos e mais de 220 milhões de visualizações. Esses números permitem classificar o canal como um dos principais do YouTube que trata da comunidade LGBTQIA+.

Ao longo da história do canal, praticamente todos os assuntos foram discutidos: sexo, relacionamento, corpo, família, trabalho, direitos etc. Em alguns casos, esses assuntos são discutidos por meio de jogos, em que tanto participam sujeitos LGBTQIA+ quanto heterossexuais. Essa variedade temática e os diferentes formatos em que tais temas são abordados faz do canal um lugar de produção de discursos que atrai cada vez mais a comunidade, tornando o *Põe na Roda* um espaço onde as práticas de governamentalidade e de biopolítica sobre os sujeitos gays encontram solo fértil.

Neste artigo, problematizamos os efeitos da hipervisibilidade do YouTube na constituição do sujeito gay, tomando como objeto de análise dois vídeos do canal *Põe na Roda*: “10 coisas que gays não devem fazer!” e “10 conselhos de LGBTs IDOSOS p/ JOVENS LGBTs”. Desse modo, pretendemos discutir sobre o papel que as mídias digitais, de um modo geral, desempenham na construção de saberes e práticas acerca do que é ser *gay* na contemporaneidade.

Quando nos referimos à hipervisibilidade no *YouTube*, pensamos na constante ampliação dos regimes de visibilidade (Deleuze, 2005) a partir dessa plataforma, os quais determinam aquilo que deve ser visto, que deve ser popularizado, que pode fazer parte de determinadas culturas e, assim, influenciar a experiência de cada um daqueles que veem determinado conteúdo e não outro em seu lugar – o que pode originar novas formas de ser (Sibilia, 2016). Considerando o tema que estamos abordando, cabe-nos pensar no modo como o canal *Põe na Roda* agencia determinadas formas de ser gay a partir do seu lugar de hipervisibilidade no *YouTube*, frente à comunidade LGBTQIA+.

Bruno (2013), ao fazer um percurso histórico sobre as práticas de ver e ser visto, aponta que, a partir de 2003, as plataformas de compartilhamento de conteúdo e as redes sociais ganharam espaço frente a outras mídias até então predominantes na internet, como os blogs, por exemplo. *Sibilia (2016, p. 28)*, por sua vez, destaca o viés capitalista subjacente ao regime apoiado pelas tecnologias eletrônicas e digitais: “Um sistema articulado pelo marketing e pela publicidade, mas também pela criatividade alegremente excitada e muitas vezes recompensada em termos monetários, no qual o espírito empresarial insufla todas as instituições e atravessa tanto os corpos como as subjetividades”. Ou seja, o sistema capitalista absorve – como sempre – mais essa prática cultural que se torna o compartilhamento de conteúdo, seja sobre si mesmo ou sobre produtos.

É nesse contexto de estímulo mercadológico, nessa cultura de consumo, que o *YouTube* se populariza e ganha força diante dos meios de comunicação, como uma plataforma que passa a atuar, a organizar as ações, as subjetividades e os corpos. Para que possamos problematizar os efeitos desses posicionamentos

oferecidos aos sujeitos gays, por meio da hipervisibilidade do *Põe na Roda*, em seu processo de constituição, é que propomos o presente estudo.

No que se refere aos aspectos metodológicos, adotamos um viés descritivo-interpretativo (Gil, 2002), a partir de uma abordagem qualitativa (Godoy, 1995). A escolha por esse viés relaciona-se diretamente com o percurso de análise que realizamos no *corpus* selecionado, uma vez que, para discutirmos sobre as práticas de governo sobre as condutas dos sujeitos gays, sob o regime das audiovisualidades, precisaremos fazer os movimentos de descrição e interpretação dos discursos ali produzidos, tendo por base o método arqueogenealógico.

Ao usar a arqueogenealogia como norte, tomaremos o discurso do ponto de vista de Foucault (2008a), que o estudou em suas relações históricas e sociais, entendendo que “todo discurso manifesto repousaria secretamente sobre um já-dito” (Foucault, 2008a, p. 28), ou seja, toda produção discursiva atualiza no fio da história discursos de outras épocas. É por esse motivo que Foucault (2008a) defende que cada ato enunciativo, embora não seja totalmente novo, é sempre único e propõe captar, por meio da arqueogenealogia, esses novos acontecimentos discursivos.

A seguir, por meio da análise dos vídeos, buscamos aplicar esses movimentos metodológicos para entender o processo de constituição dos sujeitos gays, por meio do canal *Põe na Roda*.

“10 maneiras de ser um gay melhor”: (re)pensar as condutas

Fundamental para pensar os processos de constituição dos sujeitos gays, a questão do governo de si e dos outros está

atrelada às discussões a respeito das relações de poder-saber e da constituição ética dos sujeitos por meio do cuidado de si e das técnicas de si, práticas que pressupõem, por vezes, uma relação com o outro. Essa relação com o outro nas práticas de governo, como aponta Foucault (2010), será sempre marcada por um jogo em que a verdade aparece como peça principal. No curso ministrado pelo filósofo francês no Collège de France, entre os anos 1982 e 1984, o dizer-a-verdade na relação com o outro foi seu principal objeto de atenção.

Uma vez que estamos problematizando os efeitos da hipervisibilidade do YouTube na constituição do sujeito gay, é necessário pensar sobre como essa verdade é construída, negociada e discursivizada a partir dessa hipervisibilidade. Inicialmente, precisamos entender do que tratamos quando se fala em governamentalidade. Gomes Filho (2016, p. 97) afirma que “do século XVI até o final do XVIII, houve o desenvolvimento de inúmeros tratados sobre a arte de governar” em razão do enfraquecimento das estruturas feudais e das disputas no campo religioso no contexto da Reforma e da Contrarreforma. Essa arte de governar, segundo Foucault (2014), vai estar atrelada à construção de um saber, de uma verdade sobre o homem, a partir da qual seria possível pensar uma forma de reger suas condutas.

Ainda conforme Foucault (2008b), essa arte surge no contexto da biopolítica, em que a população passa a ser o alvo das políticas de governo e não mais o indivíduo em particular. Ao tratar sobre esse tema, o autor tem o cuidado de esclarecer que não é o território a principal preocupação do governo, mas, sim, sua população e que, portanto, são os homens que devem ser governados. O autor entende “governamentalidade” como um “conjunto constituído pelas instituições, os procedimentos,

análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, embora muito complexa, de poder que tem por alvo principal a população” (Foucault, 2008b, p. 143).

Essa forma de exercer o poder, no caso, o biopoder, pressupõe esse conjunto de elementos que são a base da organização do Estado. Este governa a partir de um complexo esquema de instituições (hospitales, educacionais, religiosas, judiciárias, assistenciais, familiares, midiáticas etc.), cada uma com seus procedimentos e estratégias com vistas a gerir a população.

Desse modo, quando se pensa em estratégias de governo, pensa-se em “mecanismos e procedimentos destinados a conduzir os homens, a dirigir a conduta dos homens, a conduzir a conduta dos homens” (Foucault, 2014, p. 13). Logo, esse é um procedimento que pressupõe a ação de um sobre o outro. É necessário que um tenha condições de dirigir e de conduzir o outro a alcançar finalidades específicas – que podem ser da ordem da economia ou da moral, por exemplo.

A partir de Foucault (2008b), é possível lançar um olhar sobre o pastorado como uma forma de compreender a maneira como os sujeitos passaram a ser conduzidos e a se conduzir frente às formas de governo. Foucault (2008b, p. 255) assim define a noção de conduta, pensada dentro do sistema pastoral:

A conduta é, de fato, a atividade que consiste em conduzir, a condução, se vocês quiserem, mas é também a maneira como uma pessoa se conduz, a maneira como se deixa conduzir, a maneira como é conduzida e como, afinal de contas, ela se comporta sob o efeito de uma conduta que seria ato de conduta ou de condução.

Vemos, pela noção apresentada, que o sujeito pode conduzir a si mesmo ou se deixar conduzir de tal maneira, o que abre

espaço para pensarmos sobre as estratégias de enfrentamento desses sujeitos diante de formas de condução indesejadas. Por isso mesmo é que o autor propõe tratar das “formas de ataque e de contra-ataque que puderam se produzir no próprio campo do pastorado” (Foucault, 2008b, p. 256). É nesse contexto que se abre espaço para investigar as contracondutas. Segundo Costa (2019, p. 62), “as práticas de condução de condutas colocadas pelo pastorado incitam o surgimento de práticas de contracondutas que assumem a função de estabelecer táticas de enfrentamentos às investidas do poder e ao seu ensejo de governar os homens”. Assim, estamos diante de uma nova forma de enfrentamento às relações de poder, que se diferencia das estratégias de resistência. No âmbito das práticas de governo, as contracondutas são vistas como um modo não de se combater frontalmente o poder, mas sim de alterar a forma como se dão as práticas de governo.

Dessa maneira, o foco recai sobre as possibilidades de se pensar novas formas de se conduzir, ou seja, o sujeito não almeja deixar de ser conduzido, senão de propor práticas de condução que visem fazer de sua vida uma obra de arte. *É o que depreendemos da maneira como* Foucault (2008b, p. 266) nos apresenta a palavra contraconduta: “palavra que só tem a vantagem de possibilitar referirmos ao sentido ativo da palavra ‘conduta’. Contraconduta no sentido de luta contra os procedimentos postos em prática para conduzir os outros”. Ao se referir ao sentido ativo de conduta, o autor aponta para o fato de que os sujeitos, ao lutarem contra os procedimentos de condução, advogarão não por uma ausência de tal condução, mas, sim, por outras formas de ser conduzidos.

É nesse sentido que enxergamos a mobilização de estratégias discursivas no interior do canal *Põe na Roda* relativas

ao exercício da condução dos sujeitos *gays*: o que se propõe no canal, muitas vezes, é o apontamento de contracondutas, de outras maneiras de conduzir a si mesmo e ao outro frente às práticas de governamentalidade pautadas na heteronormatividade e nas diferentes premissas que interdita esses sujeitos.

Ao propor uma discussão sobre formas de governar as condutas de sujeitos, a partir do discurso midiático, é relevante considerar as palavras de Fischer (2012, p. 115) sobre o dispositivo pedagógico da mídia: “a discussão sobre o dispositivo pedagógico da mídia [...] não se configura apenas como uma discussão sobre linguagem, [...] mas é, sobretudo, uma discussão sobre poder e formas de subjetivação.” Este apontamento nos serve de norte para a discussão que ora desenvolvemos, ao propor que o tratamento acerca do caráter pedagógico da mídia ocorra para além das questões estruturais da linguagem; que o façamos pensando a relação desse dispositivo com as discussões sobre poder e formas de subjetividade. Tal relação é também apontada por Takara (2021, p. 8), para quem a “constituição da subjetividade está interpelada pelos sistemas midiáticos que oferecem propagandas sobre o correto modo de ser, de estar e de agir no mundo”.

É pensando nesse ato de interpelação que analisamos o vídeo “10 coisas que *gays* não devem fazer!”¹. Esse vídeo é composto por 10 esquetes, cada um simulando uma conduta que deve ser evitada pelo sujeito, para que ele se torne “um *gay* melhor”, como se afirma na descrição do vídeo na página do *Põe na Roda*. Após cada esquete, Pedro HMC faz um comentário sobre o assunto abordado, justificando por que se trata de condutas inadequadas. O próprio título, assim como a descrição, aponta

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sNP-Cj1bGJE&t=3s>. Último acesso em: 07/02/2022.

para esse caráter pedagógico do vídeo, que busca exatamente fazer uma “propaganda” sobre modos corretos de ser *gay*.

No vídeo, essas são as dez coisas que os gays não devem fazer: 1. Achar que só porque você é *gay*, você pode chegar numa menina com intimidade; 2. Julgar outras formas de relacionamento; 3. Brigar por diva pop; 4. Invalidar existências de bissexuais; 5. Ficar postando meme homofóbico; 6. Ficar escrevendo em bio de perfil de aplicativo de encontros que não curte negro, que não curte gordo, que não curte afeminado, que não curte oriental, que não curte idoso; 7. Defender político conservador; 8. Ser transfóbico; 9. Ficar falando que tem nojo de mulher; 10. Desmerecer militância LGBT.

Como vemos, os temas de cada esquete são variados, indo desde o tratamento inadequado a mulheres, passando por cultura pop, formas de relacionamentos, preconceitos dentro da própria comunidade LGBTQIA+, até posicionamentos políticos. A leitura é de que a materialidade videática (Milanez, 2019) traz uma visão geral sobre a conduta dos sujeitos gays, atuando pedagogicamente sobre o indivíduo para que este assuma uma posição, um modo correto de ser, como indicou Takara (2021). A seguir, trataremos dos esquetes 1, 4 e 7, com o objetivo de melhor discutir os efeitos dessa forma de governo sobre os sujeitos gays, considerando a hipervisibilidade que possui o canal.

No primeiro esquete, Pedro HMC contracena com uma atriz, que interpreta a amiga dele, com quem ele vai agir com intimidade. *Nesse caso, a ação será tocar os seios da amiga.* Vejamos o diálogo do esquete:

Pedro: Amiga, ficou ótimo seu silicone!

Amiga: Tira a mão, é meu!

Pedro: Tá, mas o que é que tem? Eu sou *gay*, não tem perigo nenhum!

Amiga: Não encosta! Eu não deixei.

Ao elogiar o silicone, Pedro apalpa os seios da amiga. Na cena seguinte, ela o empurra e dá um tapa em seu ombro e manda ele tirar a mão do seu “silicone”. Pedro, por sua vez, justifica o comportamento dizendo que não há perigo, já que ele é gay. A fala seguinte da amiga resume a questão: “Não encosta! Eu não deixei.” Essa fala retoma uma regularidade discursiva em torno do toque inadequado no corpo da mulher: a permissão. A questão trazida à ordem do visível (Deleuze, 2005) por meio do esquete é o fato da mulher não ter permitido o toque em seu seio, independente de qual seja o gênero ou orientação sexual da pessoa. Nesse gesto invasivo, embora aparentemente sem denotação de desejo, notamos a reprodução de relações patriarcais, em que homens agem como se fossem donos dos corpos femininos, como se estes estivessem ao seu dispor para tocar livremente. É justamente contra esse modelo patriarcal e heteronormativo que o esquete se posiciona.

É importante pensar na escolha pela dramatização da cena e não apenas por citar oralmente um exemplo. Ao trazer uma imagem em vídeo de uma mulher sendo apalpada sem permissão por um sujeito *gay*, o canal consegue sensibilizar melhor o espectador. Segundo Takara (2021, p. 11), “a visão é uma condição do tempo que vivemos. Ao sermos capazes de ver, estamos também capazes de atribuir sentidos e discursar sobre o visível.” Nesse sentido, o canal coloca em xeque a necessidade do tratamento sobre esse tema dentro da comunidade, necessidade esta que aponta para a possível existência de uma conduta inadequada que se daria de modo recorrente: a suposta liberdade em tratar as mulheres com intimidade, só por não sentirem atração por elas. Ao proporcionar a visão por meio do esquete, o canal faz refletir, problematiza esse comportamento e aponta

uma contraconduta (Foucault, 2008b), que vem formulada no comentário de Pedro, na posição de apresentador: “Não é porque você não se atrai por uma menina que isso te dá o direito de tocar o corpo dela, com intimidade, sem o consentimento.”

A hipervisibilidade que possui o canal dentro da comunidade LGBTQIA+ faz com que essa contraconduta possa chegar a um número considerável de sujeitos – não só dessa comunidade – que possam ter esse comportamento. Assim sendo, busca-se criar uma nova cultura, uma nova forma de agir sobre o corpo do outro. Inclusive praticando o respeito que é cobrado sobre os próprios corpos dos sujeitos LGBTQIA+, sejam quais forem os formatos que estes assumam.

O esquete 4 vai tratar sobre a invalidação, dentro da comunidade LGBTQIA+, de existências bissexuais. De início, a abordagem desse tema chama atenção para o fato de que apesar de estarem politicamente incluídas na sigla da comunidade, algumas letras representadas sofrem exclusão, como é o caso dos bissexuais – letra B – e dos transexuais – letra T, estes últimos abordados no esquete 8. Desse modo, a construção da contraconduta oferecida pelo canal seguirá exatamente uma estrutura argumentativa no sentido de dar visibilidade à ideia de que não se pode lutar por aceitação e direitos civis, questionando a existência de outras subjetividades igualmente interdidas. Uma hipótese sobre esse processo de invalidação, pela comunidade LGBTQIA+, de sujeitos bi e transexuais, é o atravessamento de dispositivos ligados à heterocisnormatividade. No primeiro caso, questiona-se a existência de sujeitos bissexuais, da mesma forma que a heteronormatividade questiona a homossexualidade. Quanto aos sujeitos trans, estes sofrem diante de sujeitos gays que reproduzem os padrões da cisnormatividade, os quais colocam o corpo cis como modelo a ser seguido.

Feitas essas considerações iniciais sobre a problemática, passemos ao esqueleto. Na cena, Pedro HMC conversa ao telefone com um amigo bissexual, que relata ter ficado com uma “guria”:

Amigo bissexual: Pois é, bicha, daí eu acabei ficando com aquela guria que eu tava olhando mesmo na festa. Só que, acabei gostando dela mais do que deveria, tô pensando em puxar papo, mas com medo de assustar.

Pedro: Amigo, de verdade, vou te dar um conselho: se assume gay logo, essa fase aí, sabe, essa indecisão já passou né?!

Durante a fala do amigo, o posicionamento assumido por Pedro na encenação é o de deboche ao fato de ele dizer que está gostando de uma garota, indicando não acreditar na autenticidade de seu sentimento. O enunciado que compõe a resposta de Pedro atualiza um domínio de memória composto por outros enunciados “em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (Foucault, 2008a, p. 64). Nesse caso, enunciados acerca da reprodução de discursos preconceituosos por parte de sujeitos gays. Num primeiro momento, Pedro diz que o sentimento do amigo pela menina é uma “fase”. Tal enunciado é comumente usado contra sujeitos gays que se assumem, para tentar persuadi-los de algum modo a “não serem gays”. Logo em seguida, o enunciado se completa com “essa indecisão já passou né?!”. Temos aqui uma regularidade discursiva que costuma ser direcionada aos sujeitos bissexuais: de que, na verdade, eles são indecisos. É nesse momento em que ocorre a invalidação de existências bi, pois se se trata de uma fase, de uma indecisão, não existiria a possibilidade de uma pessoa sentir atração por ambos os gêneros.

Em todo caso, é possível notar a presença de discursos que remontam a dispositivos heteronormativos, pois se coloca na ordem do discurso a ideia de que a bissexualidade do sujeito é uma “fase que vai passar”, a mesma que é dita aos próprios sujeitos *gays*. Destarte, é esta conduta que o canal deseja rebater por meio do esquete.

Logo em seguida, temos o discurso de Pedro, na posição de comentador do tema:

Olha, realmente tem gay que na hora de se assumir, se diz bi até se entender de fato, já que a sociedade pressupõe a heterossexualidade para todo mundo né?! Desde que nasce. Mas bissexuais existem e eles não são confusos, não estão indecisos, eles não estão em um estado de negação, não é uma fase, eles simplesmente se atraem por mais de um gênero, assim como eu, por exemplo, eu gosto de brócolis, tem que gosta de chocolate, tem quem goste de brócolis e chocolate.

É nessa fala de Pedro que se materializa o caráter pedagógico (Fischer, 2012) que o discurso midiático encerra. De início, na posição de comentador, confessa que em alguns casos há sujeitos *gays* que se dizem bi até se entenderem melhor. Com esse mecanismo discursivo, ele negocia uma vontade de verdade com os seguidores do canal, não negando totalmente que possa haver a existência de uma “fase” de reconhecimento de si, mas levando-os a entender que esse é um movimento de defesa do próprio sujeito. Esse movimento, inclusive, promove a construção de um sentido que aponta para o lugar da bissexualidade como supostamente mais confortável que o da homossexualidade, o que mais uma vez indica a presença da heteronormatividade nessas relações. Isso porque haveria na bissexualidade uma lógica, mesmo que parcial, da predisposição à heterossexualidade, já que o sujeito ainda sentiria atração por

mulheres. Essa leitura encontra respaldo na continuação do enunciado, quando Pedro usa a conjunção causal “já que” para dizer que a heterossexualidade é pressuposta para todos.

Tendo feito essa ressalva inicial, Pedro passa a afirmar categoricamente a existência de bissexuais: “e eles não são confusos, não estão indecisos, eles não estão em um estado de negação, não é uma fase, eles simplesmente se atraem por mais de um gênero”. Essa posição enunciada pelo sujeito carrega em si a contraconduta que o canal deseja que seus seguidores assumam. É nesse instante em que há a culminância do atravessamento do discurso midiático sobre o processo de constituição dos sujeitos gays, que se iniciou com o esquete. Com a adoção dessa contraconduta, espera-se que o sujeito assuma uma nova forma de ser gay, que não reproduza os próprios preconceitos que costuma sofrer.

Na parte final do enunciado, o tom pedagógico do discurso ganha uma nova nuance, quando Pedro faz uma comparação entre o desejo por gêneros diferentes e o gosto por brócolis ou chocolate. Tal comparação serve como uma ilustração que pode ser melhor compreendida pelos seguidores. A escolha dos alimentos não pode ser considerada aleatória. Brócolis e chocolate têm sabores muito distintos, servindo bem para explicar que, mesmo que a atração pelo gênero masculino ou feminino seja bem diferente, existem pessoas que gostam dos dois, assim como tem gente que gosta de brócolis e chocolate.

Ao trazer essa discussão para a ordem do visível por meio da materialidade videática (Milanez, 2019), o canal propõe uma contraconduta aos sujeitos gays que vai de encontro às condutas determinadas pela matriz heteronormativa e outros dispositivos que interdita formas de existir que fogem aos padrões sociais

impostos. Esse mesmo raciocínio também se aplicaria às discussões sobre julgar outras formas de relacionamento (esquete 2); compartilhar memes homofóbicos (esquete 5); indicar em perfis de aplicativos que não curte negros, afeminados, dentre outros (esquete 6); e praticar transfobia (esquete 8), conforme falamos brevemente no início dessa discussão. Evidenciamos, assim, a atuação pedagógica do canal no sentido de propor novas formas de ser e agir enquanto sujeitos gays.

Vejam agora o esquete 7, que encena um sujeito gay que apoia políticos conservadores. Na encenação, o personagem, um homem cis e branco, fala diretamente para a câmera, como se gravasse um vídeo. Ele usa óculos escuros e uma camisa da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Abaixo, a transcrição da fala do personagem.

O que esses gays querem é privilégio, e acabou a mamata. O que que tem que uma vez ele falou que prefere que o filho dele morra num acidente de carro do que aparecer com um bigodudo por aí?! Isso aí para mim é liberdade de expressão.

A fala do personagem é composta por uma série de outros enunciados que pertencem a um mesmo campo associado (Foucault, 2008a): aquele que congrega os discursos ditos conservadores. De acordo com Silva, França e Maciel (2020), o conservadorismo tem sido mobilizado pelo sistema capitalista como forma de manutenção do status quo de um determinado grupo social (geralmente pessoas brancas, cis e heterossexuais), em detrimento de outros que são marginalizados – a exemplo dos negros, indígenas e da comunidade LGBTQIA+. Para as autoras, tal conservadorismo tem promovido uma “barbárie social e humana” ao promover uma “onda de ódio” que tem se alastrado atualmente no Brasil (Silva; França; Maciel, 2020).

Entendemos que esse conservadorismo tem como base de sustentação um conjunto de dispositivos ligados a princípios religiosos e morais, como, por exemplo, aqueles que ditam a supremacia da religião cristã e a noção de família com base na matriz heteronormativa. Tais discursos interditam a existência de outras crenças ou formas de viver a sexualidade, com o objetivo de manter a ordem necessária ao sistema capitalista.

A série de enunciados que compõe a fala do personagem tem em comum o fato de ter sido reproduzida por um mesmo sujeito: Jair Bolsonaro, figura política conhecida por defender o conservadorismo no Brasil. Na fala, o pronome “ele” é um dêitico, o qual se refere a Bolsonaro. Essa interpretação se dá pelo acionamento do domínio de memória acerca das falas preconceituosas do político, dentre elas a de que preferia que o filho morresse em um acidente a aparecer com um bigodudo e que os gays querem privilégios, não igualdade. Tudo isso colocado na ordem do discurso sob o rótulo de liberdade de expressão. Além disso, durante o esquete, a música de fundo é “Bolsonaro é sul, sudeste, norte e nordeste – é o Brasil”, tema da campanha desse político em 2018, que se popularizou pelo fato de os apoiadores terem coreografado a música e adotado figurino verde e amarelo e pintado o rosto com a bandeira do Brasil.

O esquete parece ter sido pensado para encenar um apoiador de Bolsonaro, tendo em vista não só o enunciado verbal, mas também a caracterização do personagem: homem cis, branco, de óculos escuros e camisa da CBF. Tal caracterização remete ao domínio de memória (Foucault, 2008a) acerca dos vários protestos que antecederam o impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016, nos quais as pessoas favoráveis ao impedimento protestavam vestidas com a camisa da CBF e se

intitulavam conservadores, defensores da família, da moral e dos bons costumes, dentre outras pautas.

Após a eleição de Jair Bolsonaro em 2018, uma série de protestos começou a ocorrer em oposição às ideias que ele defendia e implantou no país, seguida por um conjunto de decisões judiciais do Supremo Tribunal Federal (STF) contrárias ao então presidente, decisões estas que reforçaram o sentimento hostil da população em relação ao político. Como resposta, os conservadores foram novamente às ruas, desta vez protestar a favor do então presidente e contra as decisões do STF, chegando a pedir intervenção militar liderada por Bolsonaro. Nestes protestos, os conservadores mantiveram o figurino: camisa verde e amarela da CBF e óculos escuros, que acabaram se tornando símbolos desse grupo.

Adiante no vídeo, em um corte de edição, o presidente aparece fazendo um coração com as mãos. Ao mesmo tempo em que aparece a imagem, um som jocoso soa ao fundo, gerando um sentido irônico: o político faz um sinal de amor, mas atua de forma a interditar a existência dos sujeitos *gays*.

Em seguida, temos o posicionamento de Pedro HMC acerca dos *gays* que apoiam conservadores:

Defendendo político conservador ou homofóbico você só está sendo ridículo, passando vergonha e dando tiro no próprio pé, afinal historicamente foram os conservadores, foram eles que foram contra a sua existência, os seus direitos, e hoje só te toleram e até usam você de totem muitas vezes porque tem uma galera progressista que lutou lá atrás. Você seria tipo um judeu adorador de Hitler?! Que também, pasmem, existiram e viraram chacota na história, como quem age assim vai virar.

Dessa vez, notamos que Pedro adota um tom mais duro em relação a quem compactua com políticos conservadores, chamando-os de “ridículos”. A justificativa apresentada para a crítica corrobora com o pensamento de Silva, França e Maciel (2020), ao apontarem que os conservadores são responsáveis por cercear os direitos da comunidade LGBTQIA+ e muitas vezes usar esses apoiadores como totem, ou seja, como um símbolo para desqualificar a luta daqueles que combatem esse conservadorismo.

“10 conselhos de LGBTs idosos para jovens LGBTs”: a voz pedagógica da experiência

Nesta seção, analisaremos mais um vídeo que apresenta conselhos à comunidade LGBTQIA+, a fim de problematizar os efeitos da hipervisibilidade do YouTube na constituição do sujeito gay. O vídeo em questão foi intitulado “*10 conselhos de LGBTs IDOSOS p/ JOVENS LGBTs*”. Nele, Pedro HMC convidou quatro sujeitos LGBTQIA+ idosos para dar conselhos aos jovens desta comunidade. São eles(as): Thaís de Azevedo, travesti, 68 anos; Luis Baron, gay, 60 anos; Sueli de Sousa, lésbica, 62 anos; e Lili Vargas, trans, 71 anos.

Entendemos que o convite a pessoas idosas reforça o caráter pedagógico do vídeo, pois trará vozes que carregam em si o peso da experiência. Uma estratégia discursiva distinta daquela adotada no vídeo anterior, no qual o conjunto de esquetes foi pensado dentro de um viés humorístico e irônico. Agora, o que temos são sujeitos autorizados a produzir uma vontade de verdade sobre como viver sendo uma pessoa LGBTQIA+. Pensando no processo de formação das modalidades enunciativas (Foucault,

2008a), teremos um conjunto de enunciados produzidos por uma posição alicerçada em saberes construídos a partir de vivências que, mesmo sendo pessoais, são também sociais e históricas, e, por isso, são autorizadas a “dizer-a-verdade” sobre ser LGBTQIA+. Na audiovisualidade, essa autorização é marcada pela explicitação da idade dos sujeitos, reforçando a ideia de que é pela experiência que eles estão autorizados a falar.

Os 10 conselhos são apresentados no vídeo sob os seguintes títulos: 1. A vida não termina aos 40; 2. Família não é só de sangue; 3. Amor vai bem além de sexo... e não existe um único formato possível (ache o seu!); 4. LGBs, apoiem as pessoas T!; 5. Nada está ganho. Continuem lutando; 6. Pessoas trans, ocupem espaços; 7. Relacionamentos com grande diferença de idade existem!; 8. Façam valer nossos direitos já conquistados!; 9. Apenas parem de ligar genital a gênero; 10. Cuide da sua saúde para chegar bem na 3ª idade.

Considerando que o vídeo apresenta conselhos para toda a comunidade e que alguns tratam especificamente sobre subjetividades que não são o foco deste artigo, optamos por abordar os conselhos 1, 5 e 10, porque foram dados a partir da posição de sujeito *gay* ocupada por Luis Baron e são por ele destinados aos sujeitos *gays* – mesmo que também se apliquem aos demais membros da comunidade. No conselho 1 – A vida não termina aos 40 – Baron afirma:

Pessoas gays, homens gays, não são cachorros. As vidas deles não equivalem a 7 anos da vida de uma pessoa normal, certo!? O pessoal acha que com 40 anos a pessoa já é coroa, já é velha, isso é um engano. A vida é longa, a gente pode viver muitos anos, 80, eu pretendo viver até os 100, o que não me exime de ter relação sexual, vida afetiva e tudo. Então pessoal, pessoa mais velha ama sim, a gente gosta sim de namorar, a gente gosta sim de transar, MUITO! Então fiquem espertos porque a vida não acaba aos 40, tá certo!?

No enunciado, vemos que Baron marca discursivamente seus interlocutores: os homens gays. Tal marcação aponta para a existência de uma regularidade discursiva entre os homens gays, no sentido de valorizar a juventude e impossibilitar uma vida ativa após os 40 anos, pois considera-se que “aos 40 anos a pessoa já é coroa, já é velho”. Nesta materialidade, visualizamos uma vontade de verdade acerca da não desejabilidade de sujeitos acima de 40 anos, por serem considerados velhos. E é essa vontade de verdade que a posição do enunciador deseja rebater, pois ele, com 60 anos, considera ser um “engano” achar que a velhice chega aos 40. Ao dizer que deseja viver até os 100, afirma que isso não o eximirá de “ter relação sexual, vida afetiva e tudo”. Ou seja, ele se coloca como um exemplo de um sujeito idoso que tem uma vida normal, afetiva e sexualmente falando. Logo em seguida, estende essa condição às pessoas velhas em geral: “pessoa mais velha ama sim, a gente gosta sim de namorar, a gente gosta sim de transar, MUITO!”. No vídeo, há uma ênfase na palavra “muito”, a qual, embora remeta a estereótipos de hipersexualização dos sujeitos gays, reafirma categoricamente a inscrição desses sujeitos idosos na ordem do desejo, na ordem da afetividade, apontando para uma contraconduta a ser assumida frente a tais sujeitos pelas pessoas mais jovens.

Em seu discurso, notamos mais uma vez a presença do recurso da comparação para tornar mais didática sua fala. Baron diz que não podemos considerar que gays só vivem 7 anos, assim como os cachorros, pelo contrário, afirma que “a vida é longa”, reforçando as várias possibilidades e vivências que podem ser estabelecidas se superado o preconceito inicial em relação à velhice – que nesse caso é antecipada para os 40 anos. Vemos, assim, que ele apresenta pedagogicamente um conselho aos mais

jovens, inscrevendo o material midiático nesse lugar de atuação na constituição de novas formas de ser e enxergar os sujeitos gays. Mais uma vez, reforçamos esse lugar de visibilidade que é dado pelo canal *Põe na Roda* a temas e condutas que precisam ser repensados pelos sujeitos gays, ao mesmo tempo em que oferece possibilidades de contracondutas a serem por eles assumidas.

No conselho 5 – Nada está ganho. Continuem lutando – temos o seguinte enunciado:

Continuem lutando pelos nossos direitos, porque não tem nada garantido. *Você acha que a vida tá ganha, que você pode casar, que você pode prender o seu opressor porque ele cometeu uma homofobia tal tal tal, isso não é lei! Isso foi aprovado pelo Supremo, porém não tem efeito de lei.* Se em algum momento o governo reacionário resolver interferir no Supremo ou colocar elementos mais à direita no Supremo, você pode perder todos estes direitos. Então, você jamais deve esmorecer, seus direitos foram conquistados com muito suor, com muita luta, inclusive por esse que vos fala aqui, mas isso não quer dizer que a gente pode nadar de braçada sobre os direitos conquistados.

No vídeo, Baron assume um tom sério ao incentivar a comunidade a continuar lutando por seus direitos e diz que as conquistas alcançadas até agora, como a possibilidade do casamento civil e a criminalização da homofobia, não têm valor de lei. De fato, como conta no enunciado em análise, o casamento civil e a criminalização da homofobia não foram votados no congresso, mas possuem, sim, efeito de lei, uma vez que são determinações judiciais do STF. Assim sendo, a afirmação do sujeito enunciador denota um propósito argumentativo e didático, mas não é totalmente verdadeira.

Durante a fala de Baron, imagens de protestos são exibidas, ilustrando alguns movimentos em favor dos direitos

LGBTQIA+. Em uma dessas imagens, é possível ler um cartaz em que está escrito: “O armário tem poeira e eu tenho rinite”. A imagem do armário, nesse enunciado, é de um lugar para o qual não se quer voltar, ou seja, não se quer voltar ao anonimato, ao apagamento e ao sofrimento que causa uma vida de interdições. Nesse contexto, o “armário” remete ao domínio de memória da homofobia, que invisibiliza o sujeito gay. A presença da poeira indica um lugar abandonado, antigo, esquecido, que ficou no passado. O lugar que se quer é o que se ocupa no momento da foto: a rua, a busca por liberdade.

Logo em seguida, ele afirma que se um governo mais à direita interferir no STF, podemos ter tais medidas suspensas. No momento dessa fala, é posta uma foto de Bolsonaro na tela, reforçando mais uma vez o posicionamento do canal acerca do então presidente: alguém que representa o conservadorismo e que oferece riscos à comunidade LGBTQIA+. Esse movimento de edição no vídeo e na fala de Baron nos remete ao domínio de memória acerca das indicações dos novos ministros de Bolsonaro ao STF. O chefe de Estado afirmou que indicaria ao supremo alguém “terrivelmente evangélico”, para defender os ideais conservadores e acabou fazendo-o, por meio da indicação do agora Ministro do STF André Mendonça. Esse fato cria um efeito de verdade sobre a fala de Baron e reforça, de certa forma, que sua experiência merece atenção.

Por fim, Baron faz uso do modo injuntivo para reforçar seu conselho: “você jamais deve esmorecer”, e se coloca na posição de sujeito insurgente, que lutou pelos direitos citados: “direitos foram conquistados com muito suor, com muita luta, inclusive por esse que vos fala aqui”. Com esse recurso, reforça seu discurso de autoridade, pois se coloca como agente ativo no

processo de conquista, colocando em cena um testemunho de presença nas lutas da comunidade LGBTQIA+.

O conjunto de recursos multissemióticos citados na construção da audiovisualidade reforçam o caráter pedagógico do canal, no sentido de trazer para a ordem do visível contracondutas que devem ser assumidas pelos sujeitos gays. Para além das questões relacionadas à sexualidade, é preciso estar atento também ao papel político que precisa ser desempenhado, sob o risco de retroceder a condições precárias de existência. No conselho seguinte (10. Cuide da sua saúde para chegar bem na 3ª idade), outra importante área ganha destaque: a saúde.

Cuide da sua saúde, o HIV/AIDS ele é algo que hoje tá muito mais tranquilo, eu vi o momento que isso levou meus amigos, que isso matou um monte de gente, que foi um desastre e hoje o tratamento do HIV/AIDS é muito mais tranquilo. *Hoje em dia existem prevenções combinadas excelentes.* A gente tem aí a PrEP, a PEP, o uso da PrEP e PEP com o preservativo, mas isso não significa que você precisa viver com HIV/AIDS. Cuidem de seus corpos como se fossem a sua casa, porque você vai precisar dele durante muitos anos e com sorte até a minha idade ou muito mais, certo!?

Novamente no injuntivo, Baron aconselha a cuidar da saúde, trazendo como ponto central a questão do HIV/AIDS. Para tanto, ele recorre mais uma vez a um argumento de presença, colocando-se como testemunha da morte de amigos vítimas do HIV/AIDS. Pedagogicamente, ele cita formas de prevenção, como a PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), a PEP (Profilaxia Pós-Exposição) e o preservativo. Além disso, reforça que mesmo sendo mais tranquilo, não é preciso viver com HIV/AIDS, daí o reforço com o cuidado com o corpo, reiterando que a vida é muito longa. Por meio desses recursos discursivos, o sujeito

enunciador cumpre com a expectativa de fazer uso do seu lugar de experiência para de algum modo agir discursivamente sobre o público LGBTQIA+.

Os vídeos analisados reforçam a visão de que o discurso midiático, nesse caso veiculado por um canal do YouTube, pode atuar pedagogicamente (Fischer, 2012) sobre a constituição de subjetividades, determinando novas formas de ser (Takara, 2021) e possibilitando contracondutas a serem assumidas diante de formas de governo que busquem objetivar os sujeitos. Considerando a temática em análise, reiteramos nossa compreensão de que o canal *Põe na Roda* se inscreve nesse lugar de mídia que agencia formas de governo sobre a comunidade LGBTQIA+, especialmente propondo (contra)condutas acerca de posicionamentos políticos e maneiras de vivenciar a sexualidade que estejam livres ou busquem se opor à heteronormatividade e às armadilhas do sistema capitalista.

Considerações finais

Neste texto, buscamos problematizar os efeitos da hipervisibilidade do YouTube na constituição do sujeito gay. No primeiro vídeo analisado, “10 coisas que gays não devem fazer!”, vimos que 10 esquetes foram pensados para colocar em discussão comportamentos adotados pelos sujeitos gays que precisam ser repensados.

De um modo geral, o vídeo atua pedagogicamente sobre o público-alvo para que este assumira uma nova posição frente às questões abordadas. No primeiro esquete, problematiza-se o fato de os sujeitos gays acharem que têm liberdade para tocar o corpo feminino sem permissão, apenas por não sentirem desejo, quando

na verdade reproduzem relações patriarcais heteronormativas. No segundo esquete, destacamos o funcionamento pedagógico do discurso midiático no sentido de oferecer uma contraconduta frente aos sujeitos bissexuais. No terceiro esquete, sobre apoiar políticos conservadores, mostramos um conjunto de elementos audiovisuais – cores, sons, imagens, vestimentas, falas, corpos – mobilizado para construir a imagem de um gay apoiador de Bolsonaro que reproduz discursos conservadores, contribuindo para a invalidação das lutas por direitos dessa comunidade.

No segundo vídeo, “10 conselhos de LGBTs IDOSOS p/ JOVENS LGBTs”, analisamos 3 conselhos dados pelo sujeito Baron, um homem gay de 60 anos. No primeiro deles (“a vida não termina aos 40”), notamos uma regularidade discursiva em torno da ideia de que os gays só têm vida ativa até os 40 anos. Do seu lugar de experiência, Baron atua na desconstrução dessa vontade de verdade, defendendo se tratar de um engano a alegação do fato da vida terminar aos 40 e argumentando que sujeitos com essa idade e superior têm sim uma vida sexual e afetiva, assim como pessoas mais jovens.

No que concerne ao segundo conselho, alerta-se para a necessidade de continuar lutando pelos direitos da comunidade LGBTQIA+. Fazendo uso de um argumento de presença, Baron afirma ter lutado pela conquista de muitos direitos hoje adquiridos, mas que estes não estão garantidos, pois ainda não se tornaram lei. No terceiro e último conselho, mostramos que Baron problematiza a questão do cuidado com a saúde, destacando a prevenção necessária contra o HIV/AIDS mais precisamente.

Pelas análises, pudemos problematizar o lugar do discurso midiático, especificamente no canal *Põe na Roda*, no processo

de constituição de subjetividades, ao proporcionar formas de ser (Takara, 2021) por meio de recursos discursivos pedagógicos. Isso nos permitiu reiterar nossa leitura de que o canal *Põe na Roda* se inscreve como um espaço que agencia formas de governo sobre a comunidade LGBTQIA+, ao propor contracondutas políticas e comportamentais, de modo a melhor se posicionar em meio às disputas agonísticas das quais participa cotidianamente.

Esperamos que, de algum modo, tenhamos contribuído para uma maior e melhor visibilidade dos sujeitos gays, a partir desse olhar analítico. De igual modo, acreditamos ter contribuído para as discussões no seio dos estudos discursivos foucaultianos, em especial naqueles que tratam sobre os processos de constituição ética do sujeito e das diferentes práticas de governo de si do outro que se manifestam na contemporaneidade por meio das mídias digitais. Estes são temas, mais do que nunca, necessários ao pensamento acerca de quem somos hoje e de como dispomos de nossos corpos e construímos nossas subjetividades.

Referências

BRUNO, F. *Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

COSTA, H. S. O lugar das contracondutas na genealogia foucaultiana do governo. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 61–78, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/rfmc.v7i1.20767>. Acesso em: 02 jan. 2024.

DELEUZE, G. *Foucault*. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. 5ª reimpr. da 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FISCHER, R. M. B. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. Edição estabelecida por Michel Senellart sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução de Eduardo Brandao; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, M. *Governo de si e dos outros: curso no collège de France (1982-1983)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Do governo dos vivos: Curso no Collège de France (1979-1980)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GIL, A. C. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A.S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE-Revista de Administração de Empresas*. [S.l.], v. 35, n. 2, p. 57-63, mar. 1995. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/3818>. Acesso em: 25 ago. 2019.

GOMES FILHO, M. *(Homo)sexualidades e Foucault: para o cuidado de si*. Curitiba: Appris, 2016.

MILANEZ, N. As divas da linguagem: a audiovisualidade dos corpos no videoclipe. HASHIGUTI, S.T., ed. *O corpo e a imagem no discurso: gêneros híbridos* [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 85-104. Linguística in focus collection, vol. 12. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.14393/EDUFU-978-85-7078-503-9>. Acesso em: 19 de nov. 2021.

SIBILIA, P. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. 2. ed.

Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, S. M. P.; FRANÇA, M. H. O.; MACIEL, V. V. Conservadorismo como instrumento capitalista em tempos de barbárie. *R. Katál.*, Florianópolis, v. 23, n. 2, maio/ago. 2020, p. 256-265. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-02592020v23n2p256>. Acesso em: 09/02/2022.

TAKARA, S. Pedagogias pornográficas: sexualidades educadas por artefatos da mídia. *Revista Brasileira de Comunicação*, Rio de Janeiro, v. 26, 2021, p. 1-24. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782021260054>. Acesso em: 07/02/2022.